

# Quase 500 anos depois...

Ditinha Rosa

Fotos: Chico Saragiotto / Helena Tafner

É fruto de convenção mundial que as cores identifiquem e representem as nações. Isso é muito claro nos uniformes de delegações esportivas, nos adereços das torcidas durante competições internacionais, em grandes encontros dos povos...

Se voltarmos para a avifauna, esta direção de olhar, os psitacídeos, com seus trajes de penas multicoloridas são as representantes perenes do Brasil pois a predominância é o verde, o amarelo e o azul.

Segundo estatística publicada em novembro de 1990 pela Revista Globo Rural, vivem em nosso país, 74 espécies da família dos "palradores" o que nos coloca em 1º lugar, em variedade, no planeta.

Até algumas décadas atrás, viviam nas imediações da Serra Negra, apenas três espécies dessa grande família.

O gracioso tuim (*Forpus xanthopterygus*), o menor entre os seus, tendo o corpo revestido de belíssimo tom verde, diferindo o macho da companheira, pela mancha azul no dorso e nas grandes penas das asas. Habita nossas montanhas com dezenas de elementos, à beira dos riachos no

entardecer, pendurado nos cachos das sementes de vassoura, prato predileto da sua dieta alimentar ou apossando-se da casa do João-de-barro (*Furnarius rufus*), durante o período de reprodução. Cobiçado desde a chegada dos portugueses, esse bibelô vivo, é destaque já no início da exportação das riquezas brasileiras. Segundo Paulo Prado em "Retrato do Brasil" (pág. 70 – 3ª edição, 1922) "...Em 1511, a nau Bertoa que iniciava a exportação, levava, além de 5.000 toros de pau-brasil, 32 tuins e 15 papagaios."

De lá para cá, essa miniatura de ave é perseguida e comercializada como vem mostrando a mídia, em cada apreensão feita pela Polícia Ambiental.

Já o periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*), conhecido em nossa região como "periquito-coqueiro", tem porte maior que o tuim, a cauda mais comprida e se no verde o tom não difere muito, os botões amarelos no encontro das asas, completam a identificação patriótica. Passam sobre a zona urbana em pequenos grupos e alimentam-se de frutos, principalmente, do coqueiro.

O botânico, Frederico Carlos Hoene que, em viagem de estudos, esteve em Serra Negra em 1927, referindo-se à importância das palmáceas aos psitacídeos, chegou

a dizer: "...As belas araras e os policrônicos papagaios (referindo-se à família toda) jamais teriam logrado alegrar as nossas plagas, se lhes faltassem as palmeiras..."

O periquito-coqueiro usa o tronco velho da palmeira para acomodar os ovos e a polpa doce dos frutos para saciar o papo.

Voando bem mais alto, ligeiras e raras, sempre aos casais, as baitacas (*Pionus maximiliani*) são belíssimas e em tamanho, ficam pouco abaixo dos papagaios. Corpo verde escuro, pescoço e peito azulados e na cauda, quando aberta em leque, aparecem penas vermelhas. Gostam de frutos e do silêncio da mata.

Eram essas três espécies que aqui viviam e ainda vivem.

Em meados dos anos 70, surgiram ao norte do nosso município, vindas não sabemos de onde, os primeiros exemplares de uma ararinha verde, com as grandes penas das asas e da cauda, na parte inferior, tingidas de amarelo claro e no encontro das asas, as penas menores, de um vermelho vivo, muito bonito e, em alguns elementos, esse tom vermelho aparecia em forma de pintas esparsas no pescoço e no peito. João Rosa nos seus noventa e poucos anos, conhecimento empírico em assunto de aves constatou: são araguaris. Dos indígenas, ara = arara, guarí = pequena.



